

## 5

### Trabalho e sublimação na atualidade

Nossa investigação sobre as conseqüências subjetivas trazidas pelo pertencimento ao mundo do trabalho contemporâneo, realizada sob o ponto de vista da psicanálise, teve como ponto de partida a relação entre trabalho e sublimação, proposta por Freud (1910b; 1930[1929]). Esta relação se justifica, uma vez que o trabalho, entendido como uma das atividades fundamentais à produção civilizatória, seria realizado a partir do mecanismo de sublimação das pulsões (FREUD, 1930[1929]). De fato, o conceito de sublimação, desde suas primeiras utilizações em psicanálise, se afirma como processo psíquico fundamental para a produção de cultura, ligada à realização de atividades como a arte, a religião, a ciência - e também o trabalho.

Considerando a utilização da noção de sublimação no texto freudiano nota-se que o caráter assexual, a participação no processo de produção de cultura e a função de proteção psíquica se destacam como traços distintivos da atividade sublimatória. Tais elementos parecem identificar e sintetizar aquilo que, mesmo frente a toda fragmentação das observações sobre a sublimação na obra de Freud, pode ser assumido como específico deste processo psíquico. No que se refere ao aspecto de proteção, destacamos duas vertentes. Por um lado, ao reorientar os objetivos de natureza sexual da pulsão para outros, afastados do campo da sexualidade estrita, reconhecidos e valorizados socialmente, a sublimação se afirma como uma forma de proteção contra o caráter excessivo que pode adquirir a esfera sexual. Neste sentido, satisfação sexual no sentido estrito e sublimação funcionam de forma complementar do ponto de vista do indivíduo. Por outro lado, a própria produção cultural viabilizada pela atividade sublimatória também se apresenta como uma forma de proteção psíquica, uma vez que, em última análise, representa uma resposta frente ao desamparo.

Considerando a função protetora da sublimação, apesar do valor positivo que lhe é atribuído, no texto freudiano também são apontadas configurações danosas que este processo psíquico pode adquirir, especialmente quando se apresenta um excesso sublimatório. Um abuso da sublimação poderia tornar a vida de um sujeito mais árdua (FREUD, 1912) e, neste sentido, destaca-se uma

aparente suspensão do caráter protetor da atividade sublimatória quando esta é realizada em excesso (GARCIA, 1998). À luz da primeira tópica e da primeira teoria pulsional, tais conseqüências nocivas ao psiquismo relacionadas ao abuso da sublimação se justificariam uma vez que refletiriam um prejuízo ao campo da sexualidade *stricto sensu* e, portanto, uma diminuição na satisfação sexual direta. Esta hipótese parece plausível, e encontra respaldo no texto freudiano. Ainda assim, cabe questionar se, de fato, a hipótese de um excesso sublimatório se sustenta ou se um abuso ligado a esse processo psíquico culminaria justamente em uma suspensão da sublimação, ao nível individual, apesar das produções culturalmente valorizadas que dela possam advir. Em outras palavras, considerando que, no contexto da primeira tópica e da primeira teoria pulsional os benefícios trazidos pela sublimação se devem ao fato de este processo psíquico se constituir a partir de um equilíbrio entre as demandas da sexualidade e da civilização, as ocasiões em que os ganhos civilizatórios parecem ser maiores do que os ganhos ao psiquismo ainda podem ser descritas como sublimatórias?

Também as considerações apresentadas no contexto da segunda tópica e da segunda teoria pulsional sugerem que um desajuste entre a pulsão de morte e o eu pode ocasionar desfechos da sublimação que também se revelam desfavoráveis ao sujeito, podendo, inclusive, se apresentar como ameaças ao psiquismo. A compreensão da atividade sublimatória a partir da ação destes dois agentes psíquicos sugere, então, que a função protetora não é uma marca distintiva da sublimação, mas apenas de um de seus possíveis desfechos, que supõe uma boa articulação entre as pulsões desintrincadas e o eu. Na perspectiva da segunda tópica e da segunda teoria pulsional, portanto, a perda do caráter protetor da sublimação se daria a partir de um desequilíbrio entre a ação da pulsão de morte e da instância egóica, especialmente após o processo de dessexualização e a defusão pulsional. Nestes casos, frente à impossibilidade do eu em lidar com as parcelas de pulsão de morte desintrincadas, se configurariam situações que podem representar um risco ao psiquismo. Em tais circunstâncias, a pulsão de morte poderia ser recapturada pelo supereu e, a partir disso, produzir um intrincado conflito psíquico, que se revelaria penoso e árduo para o sujeito, ou estas parcelas pulsionais poderiam ainda se manifestar de forma mais disruptiva, impossíveis de

serem redirecionadas pelo psiquismo, podendo levar a rompimentos tanto no campo da cultura como na própria organização psíquica dos sujeitos.

A perda do caráter protetor da sublimação, assim, no âmbito da primeira tópica e da primeira teoria pulsional, se daria em função de um excesso sublimatório, capaz de suscitar uma preponderância da civilização sobre a sexualidade. Já no contexto da segunda tópica e da segunda teoria pulsional, a suspensão da função protetora da sublimação pode ser entendida como decorrente de um predomínio da pulsão de morte sobre o funcionamento do eu. Nestas ocasiões, portanto, o desdobramento mais favorável da atividade sublimatória é comprometido em função de ameaças ao equilíbrio entre elementos que fundamentam a sublimação na obra freudiana, a saber, sexualidade x civilização, pulsão de morte x eu.

Tudo indica, no entanto, que a implicação da sublimação no processo de produção de cultura e seu caráter assexual permanecem como marcas distintivas deste mecanismo psíquico. Uma discussão comparativa entre os processos de sublimação e idealização, contudo, evidencia questões importantes relacionadas à participação da atividade sublimatória na constituição da cultura, colocando em questão seu papel de protagonista. De fato, apesar de se organizarem a partir de processos psíquicos bastante distintos, tanto a sublimação quanto a idealização são capazes de contribuir para a produção da cultura, a partir de seu aparente afastamento com relação à esfera da sexualidade. Entretanto, este distanciamento com relação ao sexual *stricto sensu* só se dá, de fato, no processo de sublimação, a partir do mecanismo de dessexualização, que envolve uma mudança nos objetivos e objetos da pulsão. A idealização, por outro lado, implica apenas uma inibição do caráter sexual da pulsão, que não é inteiramente descaracterizado, continuando a se manifestar, ainda que apenas de forma latente e disfarçada. Esta distinção entre a sublimação e a idealização evidencia, portanto, que, embora ambas participem do processo de produção da cultura, o fazem a partir de mecanismos diferentes.

No que tange à sublimação, portanto, verifica-se que a implicação no processo de produção da cultura, apesar de se confirmar como uma das marcas de origem deste mecanismo, não é de sua exclusividade, sendo compartilhada com outros processos psíquicos, entre os quais destacamos a idealização. Desta forma, e retomando as considerações sobre os traços distintivos da atividade

sublimatória, parece que apenas o caráter assexual, forjado a partir da dessexualização da pulsão, se afirma como um elemento, ao mesmo tempo, distintivo e exclusivo da sublimação, já que tanto sua função protetora quanto sua atuação como única protagonista da produção de cultura são colocados em questão quando consideramos, por um lado, a hipótese de um excesso sublimatório e a participação da pulsão de morte na sublimação e, por outro lado, a hipótese do papel da idealização na construção da cultura. Surge, então, a questão de saber o que está em jogo hoje no mundo do trabalho, enquanto uma das facetas da produção de cultura. Sublimação ou idealização?

Voltamos, agora, nosso olhar para o trabalho na atualidade. De fato, desde a Modernidade, o trabalho tem ocupado uma posição central no tecido social, contribuindo para a constituição do que seria uma “*civilização do trabalho*” (CASTEL, 1995:593). Valorizado hoje em sua dimensão pública, reconhecido útil socialmente, o trabalho atualmente se distingue por conferir pertencimento e identidade aos indivíduos frente à esfera coletiva (GORZ,1988). Além disso, a partir dos significativos avanços no campo da ciência e da tecnologia, o trabalho, tal como se desenvolve hoje, ainda contribui para os inéditos níveis de desenvolvimento que a humanidade tem alcançado nas áreas de saúde, comunicação, transporte, segurança, meio-ambiente, entre outros. Desta forma, considerando sua implicação na realização de atividades que são atualmente reconhecidas e valorizadas socialmente e seu afastamento do campo da sexualidade estrita, parece possível dizer que o trabalho hoje se desenvolve a partir do mecanismo de sublimação, ao menos do ponto de vista da esfera coletiva.

Entretanto, examinando as implicações subjetivas das atuais formas de realização do trabalho, parece claro que esta atividade não se traduz como uma forma de proteção psíquica. Ao contrário, estando imerso nos desígnios da racionalidade econômica, o trabalho hoje se sustenta em princípios tais como o curto prazo na realização de tarefas, vinculação a projetos efêmeros e transitórios, valorização da completa autonomia, incentivo à intensa competitividade e o pertencimento a um contexto marcado pela indiferença em relação aos indivíduos que se apresenta como impessoalidade. Estes fatores se refletem, na experiência subjetiva dos trabalhadores, como acentuados sentimentos de vulnerabilidade e

fragilidade (CASTEL, 1995; SENNETT, 1998). Desvinculados, isolados e “à deriva” (SENNETT, 1998:13) e, ao mesmo tempo exigidos, cobrados e avaliados constantemente, os indivíduos hoje se sentem confusos e ansiosos frente às incertezas que encharcam as práticas cotidianas do trabalho (SENNETT, 1998), o que evidencia como tal atividade, longe de se afirmar como capaz de oferecer formas de proteção subjetiva, é muitas vezes capaz de provocar sofrimento psíquico.

Assim, considerando a relação entre trabalho e sublimação, parece que a experiência do trabalho, atualmente, aponta para uma suspensão do caráter protetor da atividade sublimatória. Neste cenário, portanto, a sublimação se confirma como um processo psíquico fundamental à produção de trabalho, mas não se apresenta como uma forma de proteção subjetiva, podendo se constituir, ao contrário, como uma ameaça psíquica. Esta configuração adquirida pela relação entre trabalho e sublimação ressalta, assim, o descompasso existente entre as esferas individual e coletiva na realização do processo sublimatório, já que os eventuais desequilíbrios capazes de trazer prejuízos à sublimação imprimem conseqüências essencialmente aos sujeitos, enquanto a produção de objetos valorizados socialmente permanece freqüentemente preservada. Neste sentido, as formas de sofrimento hoje enfrentadas pelos trabalhadores, ainda que prejudiquem significativamente a experiência subjetiva, comumente não comprometem a realização de trabalho destes sujeitos. A exuberância que hoje se verifica nas produções civilizatórias tem, então, como contrapartida um esmaecimento dos sujeitos implicados nestes processos. Os trabalhadores atuais parecem, assim, ser eclipsados no exercício de sua própria atividade produtiva.

É possível ainda compreender o contexto contemporâneo do trabalho a partir de um outro ponto de vista, que coloca em questão a relação entre trabalho e sublimação na atualidade. Assim, considerando que a idealização também é agente construtor de cultura, sugerimos que, tal como se realiza hoje, o trabalho parece se dar mais a partir do processo de idealização, envolvendo características como a fascinação e um caráter sexual que permanece latente, do que da sublimação, que supõe uma troca de objetivos e de objetos da pulsão, na qual se verifica um efetivo afastamento com relação à esfera da sexualidade *stricto sensu*, através do mecanismo de dessexualização.

Algumas características específicas do contexto contemporâneo parecem, de fato, corroborar esta hipótese. Se organizando com base no capitalismo flexível, o cenário do trabalho atual, embora aparente oferecer mais liberdades aos trabalhadores, opera a partir de formas de controle bastante rigorosas que são, no entanto, de difícil compreensão e, por isso, consideradas ilegíveis (SENNETT, 1998). A impossibilidade de se realizar uma adequada leitura dos controles em jogo dificulta também a emergência de alternativas a eles, o que, por sua vez, colabora para uma submissão dos trabalhadores aos princípios da flexibilização, sem maiores questionamentos. Neste sentido, uma das formas de coerção mais eficazes no contexto do trabalho hoje diz respeito à inexistência de qualquer dispositivo de autolimitação (GORZ, 1988). Assim, ligada aos desígnios do mercado, a organização atual do trabalho supõe que não há limites para o aumento dos lucros, dos desempenhos, do dinheiro, o que se reflete na relação com os trabalhadores através de uma exigência também constante de esforços, de aprimoramento e, principalmente, de disponibilidade. As constantes ameaças de desemprego colaboram para a composição deste cenário, acirrando a competitividade e a exigência de melhores desempenhos. Com reflexo destas circunstâncias, verifica-se a emergência de certa obsessão e de constantes tensão e preocupação com o trabalho, que, por sua vez, vai, aos poucos, ocupando o tempo que seria direcionado a outras atividades (GORZ, 1988). A recompensa pela intensa dedicação vem, enfim, através do dinheiro, capaz de viabilizar os desejos e ideais de consumo. O prazer obtido com o consumo justifica, assim, os sacrifícios exigidos pelo trabalho (GORZ, 1988; BAUMAN, 2007).

Este cenário parece, então, evidenciar a ação da idealização, envolvendo uma supervalorização das atividades ligadas ao trabalho. As dificuldades de compreensão do sistema da flexibilização contribuiriam, assim, para uma submissão dos trabalhadores a seus pressupostos de forma acrítica e fascinada, característica da idealização (MELLOR-PICAUT, 1983). Da mesma forma, a constante exigência de resultados e aprimoramento seria experimentada pelos trabalhadores como ideais inalcançáveis que, embora sejam inatingíveis, permanecem fascinando os sujeitos, que não poupam esforços para tentar atingi-los. Neste contexto, características de tensão, prazer e ansiedade são comumente observadas, e aqui propomos que estão ligadas à ação da idealização, forjadas a

partir da inibição da sexualidade que este processo psíquico supõe, como demonstra a leitura de Mellor-Picaut (1983) sobre Leonardo. Da mesma forma, parece possível identificar traços da idealização também em uma preocupação que não termina (FREUD, 1910b), manifesta na intensa dedicação ao trabalho. Assim, os sujeitos assumem uma postura marcada pela fragilidade e vulnerabilidade (CASTEL, 1995; SENNETT, 1998), submetidos e imobilizados frente a ideais de perfeição e realização profissional que se colocam cada vez mais distantes e que, paradoxalmente - ou por isso mesmo -, se tornam fascinantes.

Este entendimento a respeito do cenário contemporâneo que supõe um predomínio do processo de idealização na experiência subjetiva do trabalho evidencia, assim, que a relação entre trabalho e sublimação não é tão definitiva e estabelecida como propõe a psicanálise. Por outro lado, implicada na realização de trabalho, a idealização se confirma como um mecanismo psíquico que, tal como a sublimação, é capaz de produzir cultura. Se comparada aos produtos da atividade sublimatória, no entanto, esta produção via idealização se caracteriza pela ausência de uma função protetora e por sua natureza sexual, que permanece apenas inibida. Da mesma maneira, se a sublimação se confirma como uma forma de satisfação pulsional alternativa à descarga sexual direta, a idealização, por outro lado, se organiza a partir de uma inibição da meta pulsional que, em última análise, se apresenta como um impedimento à satisfação pulsional. Paradoxalmente, tanto a sublimação quanto a idealização, em seu aspecto produtor de cultura, podem também ser relacionadas a uma forma de proteção aos sujeitos, em última análise, uma proteção contra o desamparo. Assim, ainda que seus processos e seus desdobramentos não assegurem um bom desfecho à economia psíquica dos sujeitos, ao contribuírem para a constituição do contexto cultural, a sublimação e a idealização confirmam sua relevância para as dimensões individual e coletiva.

Finalmente, a evidência de que também a idealização pode participar do processo de produção de cultura, suscitando, inclusive, investimentos em objetos socialmente valorizados sugere, enfim, que a produção de cultura não exige uma efetiva dessexualização da pulsão. Ousamos, então, aventar a hipótese de que não sendo exclusivamente realizado a partir do processo de sublimação, talvez o

processo de construção civilizatória possa, então, se dar conservando o caráter sexual estrito da pulsão sob a forma de uma inibição.